

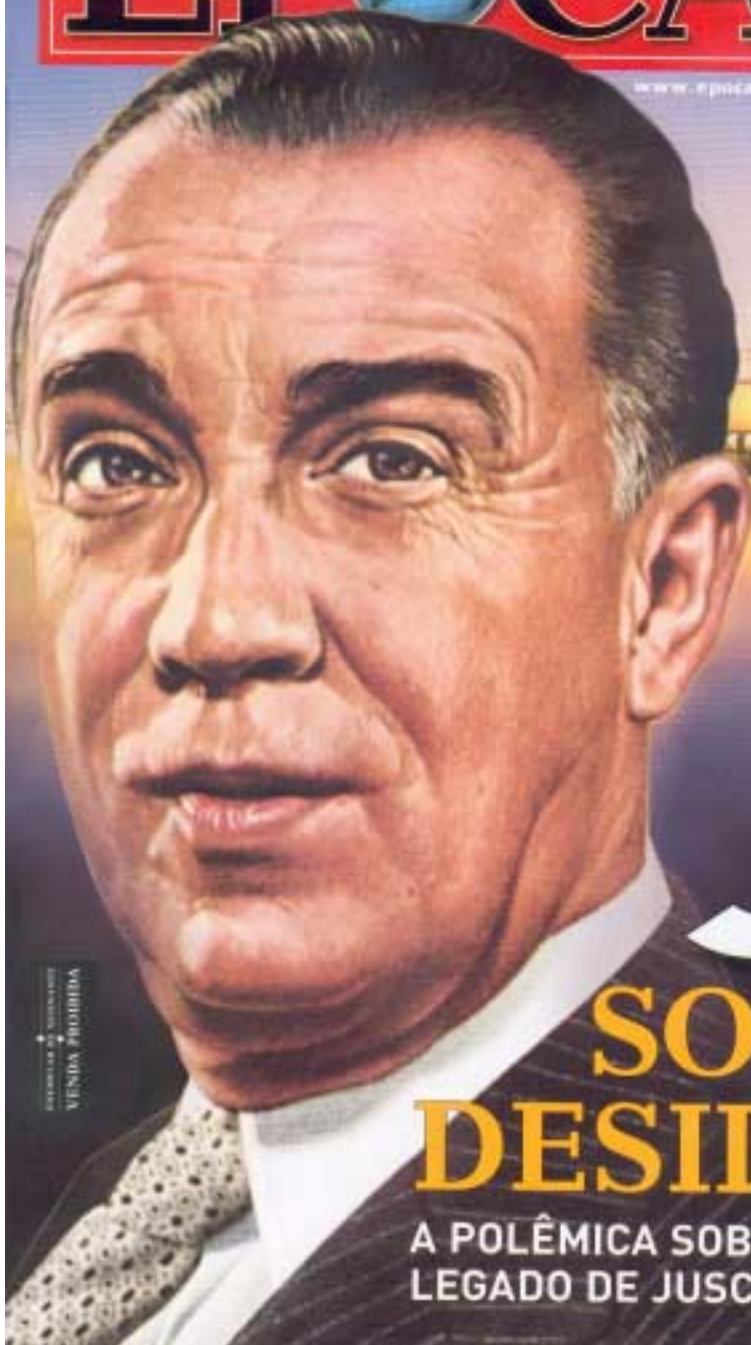
ISS 134

# ÉPOCA

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO

R\$ 7,90  
Nº 399  
9 Janeiro  
2006

[www.epoca.com.br](http://www.epoca.com.br)



REPRODUÇÃO DE  
VENDA PROIBIDA

EDITORA  
GLOBO

# JK

## SONHO & DESILUSÃO

A POLÊMICA SOBRE O GOVERNO E O LEGADO DE JUSCELINO KUBITSCHEK

## Esperança no passado

A vontade de amar JK não é pequena, como provaram na semana passada os índices de audiência da minissérie da TV Globo. Depois de décadas de estagnação, de horizontes baixos, de presidentes ditatoriais, encrenqueiros, ineptos, ranzinzas ou doidos (as exceções ficam a gosto e critério do freguês), depois de sonhos furados, de muito medo pelas ruas e toneladas de desesperança, é fácil entender o que o brasileiro anda com vontade de amar.



Tudo isso pode até ser chamado de sebastianismo. A espera do salvador capaz de restaurar anos durados que, vistos a distância, tornam-se bem mais douados. Mas deve-se reconhecer que os anos JK foram tempos embalados mesmo. O velho Brasil rural impressava no mundo moderno por meio de um violento processo de urbanização, bem diferente dos padrões clássicos das democracias europeias. Bóia-fria virando peão, renda aumentando e uma classe média de olho na nova geladeira.

Trilha sonora de primeira. A bossa nova levava a cultura popular brasileira a salões chiques de Nova York, inspirava aquela gente "cool" da Costa Oeste, seduzia existencialistas de nariz empinado e logo induzira Ella Fitzgerald a gravar um disco só de Jobim (tão cheio de açofoá na marcação que até parecia produzido pelo Comando Vermelho). E ainda havia o cinema, o teatro, a anguleira, Pele, Didi e Garrincha.

Nada disso foi JK quem inventou. Nem o cinema novo, nem a urbanização, nem a indústria automobilística. Pelo jeito com que governou, não cabe no figurino de "pai dos presidentes modernos", como costuma ser visto. Foi, sim, o último - e notável - representante da velha-guarda. O Brasil de Juscelino ainda carregava a cara clientelista da Primeira República, com sua relação desigual entre o Estado e a Sociedade. Ele soube, porém, acolher o novo de seu tempo. Um forte sentido democrático o impediu de afundar na confusão entre presente, História e eternidade, coisa tão corriqueira entre personagens de seu tamanho. Teve um governo marcado por tentativas de golpes militares e CPIs que apuravam denúncias de enriquecimento ilícito. A imprensa oposicionista pegava pesado: chamava-o de "cafejeste máximo". Acabou sucedido por um adversário que brandia uma vassoura como símbolo da urgência de "acabar com a corrupção que infecciona e debilita o regime".

A saudade, entretanto, não é um sentimento administrativo. Buscar relação direta, ponto a ponto, entre a percepção popular de JK nos dias de hoje e sua obra efetiva seria um exercício inócuo. A falta que o brasileiro sente é a de um presente mais ameno e um destino crível. E, como ainda difícil ter esperança no futuro, manda-se a esperança passear pelo passado.

## CARTAS



### Entrevista

(398/2005) O futuro da Amazônia (Adalberto Veríssimo)

Enfim, uma opinião lúcida sobre a ocupação da Amazônia. O agrônomo Adalberto Veríssimo foi muito fe-

liz nas respostas, e ÉPOCA precisa no destaque das frases mais importantes.

EVANDRO JOSÉ PINHO DA SILVA,  
Belo, 98

### ÉPOCA NEGÓCIOS

(398/2005) Não farto

ÉPOCA noticia que a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) "contratou uma agência de recursos humanos... para encontrar no mercado um profissional para a vaga de superintendente de Relações Institucionais... A idéia não tem precedente no governo". Efetivamente, é inovadora a escolha de

ocupante de cargo de confiança, de livre provimento em entidade pública, por meio de metodologia há muito empregada na iniciativa privada, que valoriza a capacitação profissional e é imune a apadrinhamentos políticos. Por outro lado, ao contrário do que informa ÉPOCA, os concursos não caíram de moda na Aneel: em 2005 foram controlados 212 servidores públicos, exclusivamente por meio de concurso.

JERSON KELMAN, diretor-geral da Aneel

### Colunista

(398/2005) Ah! O verão... (Xorxasi)

Este Brasil é imenso, existe de tudo. Enquanto no Sudeste quase sempre é inverno, no Nordeste quase ou sempre é verão. Praias lindas, cheias de pessoas que insistem em se bronzear. Por lá, quando chove, é uma festa, mesmo existindo deslizamentos e inundações. Contradições, não? Acredito que a falta de respeito pela natureza provoque esse desequilíbrio ecológico. Sou gringo, adotei o Brasil como minha pátria

mãe e amo este país. Mesmo convivendo com as diversidades do clima, o povo daqui é muito quente. Temos muito calor humano.

PATRIK DUNON, São Paulo, SP

### A Semana

(398/2005) Mais escolas indígenas

Uma das finalidades da Funai, de acordo com seu estatuto, é "apoiar e acompanhar a educação de base apropriada ao índio, visando a sua progressiva integração na sociedade nacional". A construção de 200 escolas indígenas, com R\$ 11 milhões repassados pelo Ministério da Educação, mostra que pelo menos uma de suas finalidades está sendo cumprida. Mas a finalidade da Funai é o melhor para os índios? O índio, hoje, usa panelas de alumínio, Bermuda e boné. A aculturação é a maior derrota que um povo pode sofrer. Essa "progressiva integração", infelizmente, é uma forma de transformar os índios em caboclos e caçuzos.

FAIRO YGOR, Belo, BA